

A Invenção da Argentina: História de uma Idéia, de Nicolas Shumway.
 Tradução Sérgio Bath e Mário Higa. São Paulo:
 Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Editora UnB, 2008, 408p.

ISBN 978-85-314-1054-3 (Edusp) ISBN 978-85-230-1235-9 (Editora UnB)

Taís Sandrim Julião

Mestranda em História das Relações Internacionais - Universidade de Brasília - UnB

taisjuliao@unb.br

Ao analisar as fronteiras do Brasil, percebe-se rapidamente que este possui um número expressivo de vizinhos, fato que sugere uma maior acessibilidade a estes países e, porque não, a necessidade do estabelecimento de relações de variados tipos. Com efeito, a proximidade territorial e o contexto geopolítico acabam por vezes determinando as grandes linhas de relacionamento externo, já que é a realidade da qual não se pode e nem se deve fugir.

Nessa perspectiva, alguns países emergem com maior relevância no conjunto das expectativas brasileiras relacionadas à sua realidade geográfica, seja por questões de *high politics* ou *low politics*. Dentre esses, a Argentina representa historicamente o principal eixo do país na América do Sul. Portanto, entender sua história e aqueles elementos que caracterizam sua cosmovisão é uma tarefa necessária ao Brasil e aos brasileiros.

Diante desse imperativo, o livro de Nicolas Shumway emerge como um facilitador no processo de aprendizagem e de compreensão do universo argentino. O autor, professor da Universidade do Texas, tem se dedicado desde o início de sua carreira ao estudo da história intelectual e da literatura latino-americana, particularmente de Argentina, Brasil e México. Nesta obra publicada originalmente em 1991 e traduzida para o português por Sérgio Bath e Mário Higa em 2008, Shumway nos convida a refletir sobre as raízes mais profundas da construção do Estado Nacional argentino.

A idéia-chave que articula a obra é a de *ficção-diretriz*. Esse conceito visa destacar aqueles elementos mais subjetivos que sustentam o sentido de nação e de povo e que, por essa razão, constroem a identidade argentina e sua singularidade enquanto Estado. A aplicação de tal conceito levou o autor a abordar os intelectuais e a literatura do



século XIX, pois teria sido nessa seara e neste momento histórico que o país apresentou as iniciativas mais relevantes no sentido de construir ficções-diretrizes que fundamentassem a nação e a identidade nacional.

Entre as ficções-diretrizes propostas por Shumway, duas em particular se destacam: a idéia do liberalismo argentino aplicado à política e à economia, responsável pela europeização das instituições e dos valores sociais e morais; e as diferentes visões acerca do *gaucho*, uma figura-síntese nas discussões sobre identidades, ora concebido como o inimigo da civilização e da nação, ora considerado o protótipo da autêntica identidade argentina. Essas duas ficções-diretrizes teriam contribuído na construção do dualismo ideológico do país, representado pela percepção das diferenças e do distanciamento que vai além dos limites geográficos entre Buenos Aires e o interior.

Cabe ressaltar que essa última questão, relativa à divisão interna do país, permeia toda a obra. Ao trabalhar com o conceito de ficção-diretriz, o autor

parece estar em busca de uma fundamentação histórica para esse fenômeno que singulariza a experiência nacional argentina. Assim, essa seria a pergunta a ser respondida e a inquietação intelectual que indutivamente motiva tal estudo: porque a construção do Estado Nação argentino gerou unidade mais em termos geográficos do que em termos de compartilhamento de identidade nacional.

O livro está organizado em dez capítulos dedicados em sua maioria ao estudo de pensadores, escritores e homens da política que contribuíram cada qual ao seu modo no projeto de construção da nação argentina por meio de ficções-diretrizes. Entre estes estão Mariano Moreno, José Artigas, Bartolomé Hidalgo, Bernardino Rivadavia, Juan Manuel de Rosas, Juan Batista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento, Bartolomé Mitre, Carlos Guido y Spano, Olegario V. Andrade, José Hernández e Lucio V. Mansilla.

Shumway deixa claro em sua introdução que, sendo norte-americano, não pretende explicar a história da Argentina aos argentinos, mas sim oferecer ao público de língua inglesa – e agora também portuguesa –, a oportunidade de conhecer a história desse país. E, com efeito, o autor é exitoso nessa tarefa, ao desenvolver uma reflexão sistematizada, aprofundada e bem documentada.

Compreender a trajetória argentina contribui, sem dúvidas, para a compreensão de nossa própria história. Entender a “invenção” desse país sugere pensar nossa própria invenção, já que ambos foram colonizados e passamos por processos complexos até alcançarmos nossa auto-affirmação em termos de nacionalidade. Ademais, interagir com nosso vizinho *hermano* é uma tarefa e um desafio necessários, em que a leitura desta obra pode contribuir de modo significativo e surpreendente.